

POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM A BONECA ABAYOMI: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO NÍVEL SUPERIOR

Hermenegildo Moreira da Costa Neto¹

Iandra Fernandes Caldas²

Resumo: A boneca Abayomi, símbolo de resistência da cultura afro-brasileira, foi utilizada neste trabalho como material de ensino para explorar suas potencialidades didáticas em diferentes níveis educacionais, desde a educação básica até o ensino superior. O objetivo foi analisar sua aplicabilidade no ensino de temas interdisciplinares, decoloniais e antirracistas, alinhados à Lei nº 10.639/2003. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando o relato de experiência como procedimento, a partir de oficinas realizadas na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e em disciplinas de graduação e pós-graduação, envolvendo formação docente. Os principais referenciais teóricos incluem Fiscarelli (2007), sobre materiais de ensino, Quijano (2005), em relação à decolonialidade, Schuman (2010) para falar sobre racismo e antirracismo, entre outros. Os resultados indicam que o trabalho com a boneca Abayomi possibilita práticas pedagógicas que promovem a reflexão crítica sobre o racismo e as heranças coloniais, contribuindo para a formação docente e o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem, reafirmando a educação como um espaço de resistência e transformação social.

Palavras-chave: antirracismo; boneca Abayomi; decolonialidade; materiais de ensino.

1 Mestrando em Ensino - PPGE/UERN; bolsista DS/CAPES; graduado em Pedagogia pela UFRN. Faz parte do Grupo de Pesquisa e Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais da UFRN/CERES e do Grupo de Pesquisa em Formação e Profissionalização do Professor da UERN/CAPF. Email: hermenegildo20241004810@alu.uern.br

2 Doutora em Letras - PPGL/CAPF/UERN (2021), Mestra em Educação - POSEDUC/UERN (2013), Especialização em Psicopedagogia pela FVJ/CE (2004), Pós-Graduação em Literatura e Estudos Culturais CAPF/UERN (2009), Graduada em PEDAGOGIA - CAPF/UERN (2001). Professora da UERN (2011-Atual), Departamento de Educação - DE com Dedicção Exclusiva. Professora do PPGE/CAPF/UERN (2023 - Atual). É membro da ANDIPE e da AINPGP. Email: iandrafcaldas@gmail.com

TEACHING POSSIBILITIES WITH THE ABAYOMI DOLL: FROM BASIC EDUCATION TO HIGHER EDUCATION

Abstract: The Abayomi doll, a symbol of resistance in Afro-Brazilian culture, was used in this study as a teaching material to explore its didactic potential across different educational levels, from basic to higher education. The objective was to analyze its applicability in teaching interdisciplinary, decolonial, and antiracist themes, aligned with Law No. 10.639/2003. Methodologically, a qualitative approach was adopted, using the experience report as a procedure, based on workshops conducted in early childhood education, elementary education, and undergraduate and graduate courses involving teacher training. The main theoretical references include Fiscarelli (2007) on teaching materials, Quijano (2005) regarding decoloniality, Schuman (2010) on racism and antiracism, among others. The results indicate that working with the Abayomi doll enables pedagogical practices that foster critical reflection on racism and colonial legacies, contributing to teacher education and enhancing the teaching and learning process, reaffirming education as a space for resistance and social transformation.

Keywords: antiracism; Abayomi doll; decoloniality; teaching materials.

1 INTRODUÇÃO

A boneca Abayomi é um símbolo de resistência e luta da cultura afro-brasileira, representando a história do povo africano trazido às terras do *novo mundo* em um movimento diaspórico forçado pelos colonizadores portugueses, com o objetivo de escravizar esses africanos para o trabalho com a cana-de-açúcar. Dessa forma, o uso dessa boneca possibilita um leque de abordagens didáticas, aplicáveis desde a educação básica até o ensino superior.

Neste trabalho, compreendemos a boneca Abayomi como um material de ensino, entendido aqui como qualquer recurso que o professor possa utilizar em sala de aula para auxiliar sua mediação, seja um material simples, como um pincel para quadro, ou um equipamento tecnológico (Fiscarelli, 2007). Concebendo-a dessa maneira, nosso objetivo é evidenciar sua potencialidade didática para trabalhar diversos temas (colonização, diáspora africana, artesanato, entre outros) e sua flexibilidade em diferentes níveis de complexidade, abrangendo desde a educação básica até o ensino superior, incluindo a pós-graduação.

Metodologicamente, este artigo adota uma abordagem qualitativa, que se preocupa com o universo dos significados (Creswell, 2012), enquanto procedimento utilizamos o relato de experiência. Os dados que compõem o *corpus* da pesquisa para análise são provenientes de uma oficina realizada três vezes com o título: *A boneca Abayomi: possibilidades didáticas para a educação básica*, resultado de estudos no Laboratório de Pesquisa em Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais do Centro de Ensino Superior do Seridó, *campus* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – CERES/UFRN e das discussões sobre materiais de ensino na disciplina *Produção e Avaliação de Materiais de Ensino* do Programa de Pós-graduação em Ensino - PPGE, do *Campus* Avançado Pau dos Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CAPF/UERN.

Destacamos que, inicialmente, a oficina mencionada foi pensada para a educação básica, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Contudo, na disciplina *Produção e Avaliação de Materiais de Ensino* e na disciplina *Didática*, a oficina também foi realizada, levando-nos a refletir sobre sua aplicabilidade no ensino superior, para alunos de graduação e pós-graduação, direcionada à formação docente. A realização e discussão dessas oficinas são frutíferas para problematizar as atividades que docentes em formação, seja em nível de graduação ou pós-graduação *latu sensu* ou *stricto sensu*, podem desenvolver nas salas de aula da educação básica, o que fez com que essas oficinas se tornassem parte da análise neste trabalho.

Quanto à estrutura deste artigo, iniciamos com uma breve discussão sobre materiais de ensino, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Em seguida, abordamos a boneca Abayomi dentro de um contexto decolonial e antirracista, considerando sua simbologia de resistência negra e questões relacionadas à Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira. Na sequência, discutimos as três oficinas realizadas (uma na Educação Infantil, outra nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a última em uma aula de Mestrado). Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

A boneca Abayomi tem sua origem no tráfico humano de povos africanos, forçados a um movimento diaspórico decorrente de sua escravização, sobretudo para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, como no caso brasileiro, e em outras atividades que exigiam mão de obra em larga escala e de custo praticamente inexistente nas terras do chamado *Novo Mundo*. Nesse contexto, “[...] as mulheres criavam as bonecas com retalhos de suas vestes para darem aos seus filhos, de maneira que eram consideradas amuletos de proteção e representações simbólicas de maternidade e resistência em meio às adversidades da escravidão” (Haussler; Silva, 2025, p. 06).

No Brasil, as bonecas Abayomi ganham visibilidade em 1987, ano que antecede o centenário da abolição da escravatura (1888–1988), como destaca Haussler (2025). O nome Abayomi “[...] é um nome próprio da língua iorubá. Muitas crianças africanas, quando nascem, recebem este nome, que significa ‘encontro precioso’: abay = encontro e omi = precioso, também traduzido como ‘meu presente’, ‘meu momento’” (Martins, 2018, p. 23). Considerando a força simbólica desse nome, a boneca assume um papel de resistência em sua história, representando as lutas do povo negro desde o período colonial até os dias atuais.

No que se refere à difusão e produção da boneca Abayomi, destaca-se a figura de Lena Martins, notória pesquisadora e artista, talvez a principal responsável por sua popularização no Brasil. “[...] Ela tem desempenhado um papel crucial na revitalização e na divulgação da tradição das bonecas Abayomi no país. Dedicou-se ao estudo e à promoção do conhecimento sobre essas bonecas, inclusive no

que diz respeito à forma como são confeccionadas e ao seu significado cultural” (Haussler; Silva, 2025, p. 05). Assim, Waldilena, ou simplesmente Lena, como é conhecida, pode ser considerada um expoente de referência no que tange às oficinas e à produção das bonecas Abayomi.

Entretanto, vale destacar que, neste trabalho, propomos apenas uma entre as muitas abordagens possíveis para discutir a temática étnico-racial. Ou seja, trata-se de um modo de trabalhar essa questão, entre tantos outros que podem ser construídos a partir dos contextos e das especificidades de cada prática educativa. Nesse sentido, é fundamental lembrar o que já preconiza a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Soma-se a ela as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* – DCNERER (Brasil, 2004), um conjunto de orientações e fundamentos oferecidos pelo Ministério da Educação (MEC) para garantir a inserção efetiva dessa temática na educação brasileira.

Esse marco normativo não pode ser ignorado, especialmente diante da urgência de um currículo comprometido com a superação do racismo estrutural que atravessa a sociedade brasileira. Sua importância legal e pedagógica é central para toda a Educação Básica em um país ainda profundamente marcado pela chaga social do racismo.

Ademais, constatamos, a partir de uma pesquisa nas bases indexadoras SciELO e Periódicos CAPES, a escassez de trabalhos acadêmicos relacionados à boneca Abayomi. Na plataforma dos Periódicos CAPES, nenhuma produção foi encontrada; já na SciELO, houve apenas um resultado, intitulado *Educação para as Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: A História de Sophia*. Os descritores utilizados na busca foram “Abayomi” e “Boneca Abayomi”. Diante disso, os apontamentos apresentados neste trabalho podem contribuir para a difusão, no meio científico, das possibilidades pedagógicas do trabalho com essa boneca.

Na seção seguinte, discutiremos os materiais de ensino, partindo do entendimento de que a Abayomi pode ser compreendida como tal, especialmente em contextos interdisciplinares. Em continuidade, abordaremos os materiais didáticos sob uma perspectiva decolonial e antirracista, considerando que se trata de uma boneca que carrega em sua simbologia uma potente marca de resistência afro-brasileira — cuja ressonância permanece viva na contemporaneidade.

2.1 Materiais de ensino e interdisciplinaridade

Materiais de ensino, ou materiais didáticos, são recursos que auxiliam o professor na mediação da aprendizagem e no engajamento dos alunos, variando desde objetos simples, como pincéis e quadro branco, até tecnologias mais modernas (Fiscarelli, 2007). No entanto, há poucas produções acadêmicas que tratem especificamente desses materiais de forma ampla e aprofundada. Em vez disso, é mais comum encontrar estudos focados em áreas específicas, como o

ensino de biologia (Vaz *et al.*, 2012), matemática (Rodrigues e Gazire, 2012), física (Arthury e Terrazzan, 2018), entre outros, abordando o uso de materiais didáticos em contextos disciplinares específicos.

Mesmo com essa lacuna na produção acadêmica sobre materiais de ensino limitando o desenvolvimento de uma base teórica mais consolidada, consideramos importante dar ênfase a esses recursos enquanto oportunidades pedagógicas para abordagem de diversos conhecimentos. Como aponta Fiscarelli (2007):

Fazer uso de um material em sala de aula, de forma a tornar o processo de ensino aprendizagem mais concreto, menos verbalístico, mais eficaz e eficiente, é uma preocupação que tem acompanhado a educação brasileira ao longo de sua história. Historicamente, o uso de materiais diversificados nas salas de aula, alicerçado por um discurso de reforma educacional, passou a ser sinônimo de renovação pedagógica, progresso e mudança, criando uma expectativa quanto à prática docente, já que os professores ganharam o papel de efetivadores da utilização desses materiais, de maneira a conseguir bons resultados na aprendizagem de seus alunos (Fiscarelli, 2007, p. 1)

Logo, são diversas as possibilidades de abordagens didáticas que possibilitaria aos educadores uma visão ampliada das potencialidades e limitações desses recursos, promovendo uma utilização mais crítica e adaptativa dos materiais em sala de aula. Cientes dessa dimensão, os professores poderiam ajustar suas escolhas conforme as necessidades específicas de cada turma e contexto, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem em múltiplas disciplinas.

Ao pensar nessa multiplicidade de disciplinas, fica o questionamento: De que maneira é possível um trabalho interdisciplinar com um material de ensino? Essa foi uma das questões que surgiu enquanto pensávamos na sistematização da oficina *A boneca Abayomi: possibilidades didáticas para a educação básica*. Então, associamos essa boneca e todo o processo de sua construção em sala de aula ou nas oficinas em um movimento interdisciplinar, pois se conecta à um contexto histórico (colonização/escravização), científico (concepção de raça), artístico (apreciação estética) e assim por diante.

Nessa perspectiva, o trabalho com a boneca Abayomi se insere em uma abordagem interdisciplinar, pois abrange diversas disciplinas e conteúdos. A colonização das Américas pelos países europeus a partir dos anos de 1500 (história), a diáspora forçada dos povos africanos escravizados (história e geografia), as dimensões dos cortes nos tecidos utilizados na confecção da boneca (matemática) e a discussão sobre o conceito de raça (sociologia e biologia) são exemplos que ilustram essa conexão. Assim, a riqueza de possibilidades oferecidas pela boneca Abayomi transcende a segmentação em uma única disciplina ou conteúdo, evidenciando a diversidade de abordagens possíveis ao utilizá-la como recurso pedagógico.

Ao abordarmos o conceito de interdisciplinaridade, alinhamo-nos a Morin (2022), que a define como troca e cooperação entre disciplinas. Troca, porque não limita os conhecimentos a um único campo, e cooperação, por possibilitar o

diálogo entre saberes de diferentes áreas. Em consonância, Japiassu (1994) destaca que ciência, filosofia e outros saberes devem ser articulados:

Portanto, ciência e não-ciência, ciência e filosofia, sonho e filosofia, todos esses saberes precisam ser articulados. Nenhuma disciplina, nenhum tipo de conhecimento, nenhum tipo de experiência deve ser excluído, nem a título de meio nem a título de fim, desse projeto de reunificação do saber. (p. 215)

Logo, a interdisciplinaridade possibilita a abertura ao diálogo entre saberes, rejeitando a exclusão ou o pensamento fragmentado. Contudo, como ressalta Leis (2005), o conceito de interdisciplinaridade não é único nem linear, mas plural e sujeito a diferentes interpretações. Para o autor: “A interdisciplinaridade pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) com lógicas diferentes” (Leis, 2005, p. 09).

Dessa forma, compreendemos que a boneca Abayomi se apresenta como um recurso valioso para ser trabalhado sob uma perspectiva interdisciplinar. Ela possibilita experiências pedagógicas que conectam saberes diversos, seja por meio de sua história ou enquanto material de ensino, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Materiais de ensino em uma perspectiva decolonial e antirracista

Os materiais de ensino, como discutido anteriormente, correspondem a qualquer recurso utilizado pelo professor com fins pedagógicos em suas aulas. No entanto, a boneca Abayomi, em particular, carrega significados que remetem a um passado de subserviência do sul global em relação ao norte global. O Brasil, por exemplo, como país situado ao sul da linha do Equador, foi colônia de Portugal, localizado ao norte, por muitos anos. Essa relação histórica de dominação ainda deixa marcas profundas na cultura e na sociedade brasileira, e a boneca Abayomi permite conectar um objeto concreto a esse contexto histórico.

Nesse sentido, torna-se relevante abordar a boneca Abayomi sob uma perspectiva decolonial. Segundo Quijano (2005), o termo *decolonial* refere-se à ruptura com as heranças da colonialidade que ainda permeiam nossos contextos sociais e culturais, enquanto o termo *descolonial* alude ao processo de desfazer a colonialidade. É exatamente nessa ruptura que reside a importância de utilizar esse material de ensino: ao estabelecer conexões entre a boneca e o passado colonial, ela se reafirma como um símbolo da resistência negra ao longo da história do Brasil, promovendo reflexões críticas e transformadoras sobre esse legado.

Pensar a colonialidade é questionar a nós mesmos sobre a maneira que enxergamos a realidade atual. Certamente encontraremos marcas da colonialidade em diversos âmbitos de nossas vidas, pois:

Há, claro, uma relação umbilical entre os processos históricos que se geram a partir da América e as mudanças da subjetividade ou, melhor dito, da intersubjetividade de todos os povos que se vão integrando no novo padrão de poder mundial. E essas transformações levam à constituição de uma nova

subjetividade, não só individual, mas coletiva, de uma nova intersubjetividade. Esse é, portanto, um fenômeno novo que ingressa na história com a América e nesse sentido faz parte da modernidade. Mas quaisquer que fossem, essas mudanças não se constituem da subjetividade individual, nem coletiva, do mundo pré-existente, voltada para si mesma, ou, para repetir a velha imagem, essas mudanças não nascem como Minerva, da cabeça de Zeus, mas são a expressão subjetiva ou intersubjetiva do que os povos do mundo estão fazendo nesse momento. (Quijano, 2005, p. 124)

Logo, reafirmar-se como sujeito pertencente a um contexto moldado pela colonialidade exige uma profunda reconstrução. Primeiramente, é necessário reconhecer e aceitar os impactos que essa colonialidade exerce sobre nossas vidas, trazendo-nos à consciência. Somente assim será possível romper com essas estruturas e começar a idealizar um futuro onde, compreendendo os processos históricos de disputa de poder e território que deram origem à diversidade cultural brasileira que conhecemos hoje, possamos superar a lógica de dominação. Esse caminho passa por uma luta decolonial em direção a uma sociedade mais justa, livre de distinções baseadas em raça, classe ou condição social. Surpreendentemente, até mesmo uma boneca pode suscitar essas reflexões, ainda que de maneira sutil.

Ademais, para além da perspectiva decolonial, compreendemos o trabalho com a boneca Abayomi também sob uma ótica antirracista. Para abordar o conceito de antirracismo, é importante partir de uma definição. Schuman (2010, p. 44) afirma: “Considero racismo qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça.” Em outras palavras, o racismo engloba toda forma de discriminação ou exercício de poder que reforce uma suposta superioridade, fundamentada na construção social do conceito de raça. Essa concepção, usada para discutir a chaga social do racismo, contrasta com a perspectiva biológica, que reconhece apenas a existência de uma única raça: a humana (Guimarães, 1999).

Nesse contexto, o antirracismo emerge como um conceito central para designar o movimento de enfrentamento à ideia de diferenciação racial em escala global (Souza, 2022). Assumir essa postura de rejeição ao racismo e de combate às suas manifestações cotidianas é essencial, sobretudo em razão da Lei 10.639/2003, que alterou a LDB (9.394/1996) para incluir, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2003). Com esse respaldo legal, torna-se inconcebível pensar em uma educação que não promova a justiça social e a superação dessa ferida histórica que é o racismo.

Portanto, as potencialidades do trabalho com a boneca Abayomi podem articular tanto a lógica antirracista quanto a decolonial. Ao integrarmos essas perspectivas, reafirmamos sua força como ferramenta de enfrentamento ao racismo e à colonialidade, que infelizmente ainda permeiam nossa sociedade. Como destaca Quijano (2005), a colonialidade influencia não apenas nossa forma de conceber o conhecimento, mas também nossos modos de ser e agir. Da mesma forma, Almeida (2019) introduz o conceito de *racismo estrutural* para descrever essa chaga social

como algo intrinsecamente enraizado em nossas estruturas sociais. Esses estudos evidenciam a importância de adotar uma postura crítica e combativa contra qualquer forma de preconceito ou dominação, reafirmando o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.3 Oficinas com a boneca Abayomi: experiências da educação infantil ao ensino superior

Nesta seção, relatamos três experiências em que a oficina *A boneca Abayomi: possibilidades didáticas para a educação básica* foi realizada. Adotamos a metodologia de relato de experiência, considerando sua relevância para a construção do conhecimento a partir de práticas vivenciadas em contextos específicos (Mussi, Flores e Almeida, 2021). Destacamos que os nomes das instituições educacionais serão mencionados, uma vez que o foco não recai sobre os participantes das oficinas, mas sobre as reflexões que desenvolvemos enquanto ministrantes, ao trabalhar com a boneca Abayomi na educação básica e no ensino superior.

Para além do fazer manual, a proposta da oficina é sustentada por uma abordagem decolonial que convida à ruptura com a lógica eurocêntrica presente na escola, coadunando com a perspectiva trazida por Quijano (2005). Os argumentos mobilizados durante as oficinas incluem a valorização da estética negra, o reconhecimento da ancestralidade africana como herança legítima da identidade brasileira, e o questionamento das narrativas únicas da história colonial, o que os alinha com as DCNERERs (Brasil, 2004). Ou seja, o uso da boneca Abayomi, nesse sentido, se torna ferramenta para dar espaço às histórias afroreferenciadas no espaço escolar, reforçando o compromisso com uma educação antirracista.

Nas oficinas relatadas, utilizou-se a história/narrativa mais difundida da boneca Abayomi, conforme Lena Martins, segundo a qual as mães negras, durante a travessia forçada nos navios negreiros, rasgavam pedaços de suas roupas para confeccionar bonecas para seus filhos, na tentativa de confortá-los e protegê-los simbolicamente da dor e do medo. Reconhece-se, contudo, que outras versões coexistem nas práticas pedagógicas, adaptadas por educadores de diferentes regiões do país, o que ressalta a importância de explicitar qual narrativa sustenta a proposta educativa em questão. Essa escolha não é neutra: ela orienta as reflexões críticas suscitadas nas oficinas e molda os sentidos atribuídos à boneca como material didático.

Como forma de contar essa história, em todas as oficinas, escolhemos deixar uma mesa preparada à vista de todos (exceto na Educação Infantil, que contamos a história no chão em forma de roda de conversa) com todos os materiais necessários para a construção da boneca. Conforme a história era narrada, íamos montando a Abayomi, o que favorecia que a atenção do público se mantivesse fixa em nós até o fim da contação/confecção da boneca.

Inicialmente, ressaltamos que os fundamentos teóricos para a utilização da boneca Abayomi foram construídos a partir de estudos sobre o racismo realizados

no Grupo de Pesquisa e Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais – LENTE, da UFRN/CERES. Essas investigações foram essenciais para explorar as possibilidades antirracistas e decoloniais que esse material de ensino pode proporcionar.

A primeira oficina ocorreu na Escola Municipal de Educação Infantil São José (EMEI São José), localizada em Caicó - RN. Essa experiência foi planejada no âmbito de uma sequência didática sobre o mês da Consciência Negra, realizada em novembro de 2023, com crianças de dois anos de idade. A atividade foi organizada pelos participantes do Programa Residência Pedagógica, entre os quais se encontra um dos autores deste artigo. A escolha da boneca Abayomi mostrou-se adequada para alcançar os objetivos propostos.

O maior desafio foi adaptar a confecção da boneca, feita de tecido preto e montada a partir de nós, sem costura, para crianças tão pequenas. Para viabilizar a atividade, os tecidos foram previamente cortados, e a montagem foi distribuída em mais de um dia. Cada criança recebeu atenção individualizada, o que demandou tempo adicional. Os residentes iniciavam o processo, fazendo os nós que formariam os braços, pernas e cabeça da boneca, e as crianças eram orientadas a finalizar os nós, apertando-os.

No segundo dia, após a montagem do corpo, as crianças escolhiam os tecidos para confeccionar as roupas da boneca, selecionando entre as opções disponíveis. O processo seguia a mesma lógica colaborativa utilizada na construção do corpo. Ao final, cada criança com sua boneca concluída participou de uma roda de conversa. Nesse momento, buscou-se explorar o que elas aprenderam e o que mais chamou a atenção das crianças durante a oficina, promovendo uma reflexão sobre a atividade de forma significativa e envolvente. Segue uma imagem da oficina.

Imagem 1: Oficina na Educação Infantil



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

De forma geral, as bonecas foram confeccionadas com as crianças como forma de proporcionar um momento lúdico e criativo na Educação Infantil, inserindo

uma história de origem africana a partir de um objeto tão comum no universo dos brinquedos infantis: a boneca. Ainda que as crianças estivessem na faixa etária de aproximadamente dois anos, a representação de uma boneca negra como símbolo de resistência mostra-se uma ferramenta potente para a construção de um imaginário positivo acerca das pessoas negras. Isso é especialmente relevante quando consideramos que, muitas vezes, a narrativa da colonização ainda é transmitida com os sujeitos escravizados representados de forma submissa, e não como protagonistas de sua própria resistência.

Ressaltar, portanto, que havia mulheres que encontravam forças para distrair seus filhos e filhas mesmo durante uma travessia brutal rumo a terras desconhecidas, onde seriam explorados como força de trabalho, é uma forma de recontar a história sob outra perspectiva. Essa abordagem evidencia como as narrativas que compõem nosso repertório desde a mais tenra idade podem tanto perpetuar um discurso racista quanto subverter essa lógica, oferecendo novos sentidos e possibilidades de compreensão.

A segunda experiência foi realizada com alunos do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, na Escola Estadual Antônio de Azevedo, localizada em Jardim do Seridó – RN. A oficina foi conduzida por um dos autores deste artigo, a convite da professora de Artes dessas turmas. Para essa faixa etária, a abordagem adotada consistiu em contar a história da boneca Abayomi durante o processo de sua montagem.

Imagem 2: Oficina no Ensino Fundamental



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Os tecidos previamente cortados foram dispostos sobre uma mesa posicionada à frente das crianças, o que facilitou a interação e o engajamento dos estudantes. Essa estratégia contribuiu para manter a atenção dos educandos, conectando o momento da contação de histórias com a prática manual de montagem da boneca, tornando a atividade mais dinâmica e significativa.

Dando continuidade, foi colocado na lousa de cada sala os tamanhos (largura e comprimento) dos tecidos preto e colorido para que as crianças pudessem observar e construir suas próprias bonecas individualmente. Enquanto os alunos trabalhavam, o ministrante e a professora das turmas auxiliavam no que fosse necessário. Foi uma experiência bastante interativa e que gerou um engajamento muito grande dos participantes. No que se refere aos conteúdos abordados, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 1: Pensando a boneca Abayomi em uma perspectiva interdisciplinar

DISCIPLINAS	CONTEÚDOS RELACIONADOS
História	Colonização das Américas; Período escravista no Brasil; Resistência e lutas dos povos escravizados.
Geografia	Diáspora africana forçada; Tráfico de escravizados; Economia colonial.
Matemática	Unidades de medida (centímetro); Geometria espacial e plana.
Artes	Padrões de cores e formas em tecidos; Artesanato manual.
Ensino Religioso	Cosmogonias africanas.

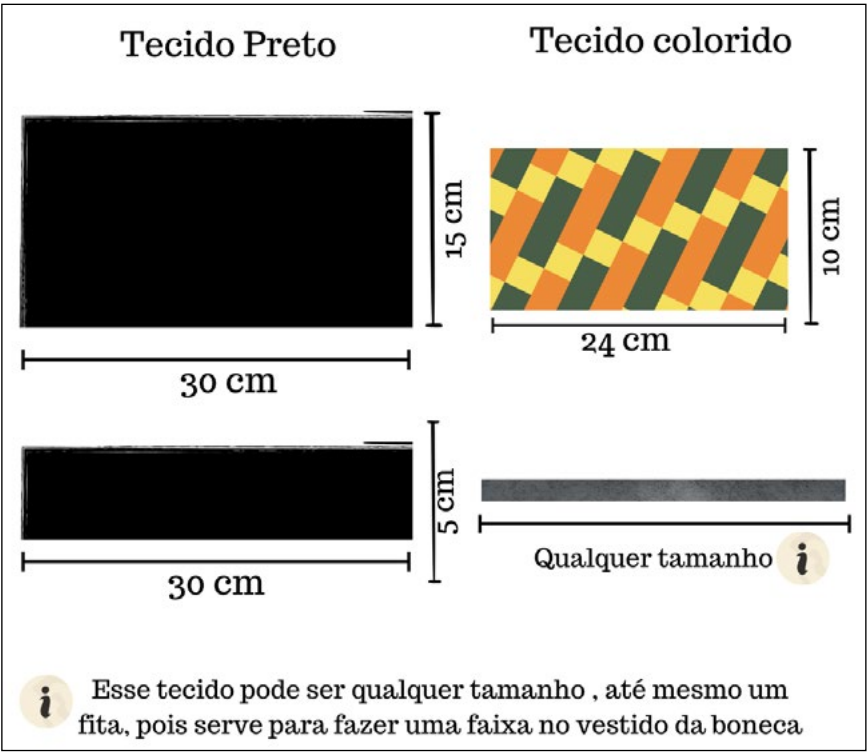
Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

A partir do quadro, percebemos que diversos conteúdos foram abordados em diferentes disciplinas, sem que fosse necessário fazer referência direta a elas durante a oficina. Conforme discutido anteriormente, o uso da boneca Abayomi como material de ensino possibilita uma abordagem interdisciplinar. Relacionar os conteúdos às disciplinas funciona como uma estratégia para evidenciar a riqueza do trabalho com a boneca, demonstrando que seu potencial pedagógico não se limita ao que foi apresentado.

Entretanto, é importante salientar que os conteúdos destacados no quadro não foram trabalhados como estão dispostos, tendo em vista que dispomos apenas de uma aula para a realização da oficina. Mas, a docente que nos recebeu em suas aulas de artes nos Anos Iniciais do Fundamental teve uma conversa conosco, e, neste momento, destacamos as informações do quadro para ela, explicando como nossa intervenção poderia ser inserida em um contexto mais amplo.

Como exemplo, apresentamos o que relacionamos no quadro referente à matemática nessa imagem:

Imagem 3: Dimensões para a boneca Abayomi



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Nesta imagem, destacamos as dimensões dos tecidos necessários para a construção da boneca Abayomi. Recomenda-se o uso de tecido de malha ou TNT na cor preta para o corpo da boneca, enquanto para o vestido, o ideal é utilizar chita ou outro tecido bem colorido. A faixa que envolve o vestido pode ser feita com um retalho fino do mesmo material do vestido ou até mesmo com fita de cetim, em diferentes tamanhos. Também é possível construir um turbante com pedaços menores de tecido, embora essa etapa seja opcional. As medidas apresentadas não são rígidas e podem ser ajustadas para produzir uma boneca maior ou menor. Contudo, destacamos que essa padronização é valiosa no ensino de Matemática, pois permite trabalhar conceitos como tamanho, dimensão, geometria, entre outros.

Imagem 4: A boneca Abayomi



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Além disso, dependendo das necessidades específicas de cada turma ou contexto, é possível explorar outros aspectos, como o custo do tecido utilizado na oficina ou temas históricos, como a navegação nos anos 1500, entre outros. O essencial é reconhecer e valorizar essa pluralidade de possibilidades, adaptando a atividade para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, as duas últimas realizações da oficina ocorreram no ensino superior, ambas na UERN. A primeira foi com uma turma do 4º período do curso de Pedagogia, na disciplina Didática, e a segunda no Mestrado em Ensino, na disciplina *Produção e Avaliação de Materiais de Ensino*. Em ambas as ocasiões, os autores refletiram sobre a necessidade de explicitar as múltiplas possibilidades pedagógicas do trabalho com a boneca Abayomi, evidenciando seu caráter didático, decolonial e antirracista. Essa abordagem foi essencial, considerando que o público-alvo consistia em professores em formação inicial e pós-graduandos, o que exigiu um enfoque crítico e aprofundado sobre as potencialidades desse material de ensino.

Para essas duas últimas oficinas, foi necessário nos reinventarmos, um desafio que gerou reflexões e resultou na escrita deste artigo. Inicialmente, a abordagem didática com a boneca Abayomi já contava com os pressupostos e embasamentos discutidos anteriormente, porém não havia sido planejada para ser debatida entre docentes. Assim, ao ser adaptada para o nível superior, a oficina assumiu uma nova configuração, ampliando nossos horizontes e fortalecendo nossa prática pedagógica ao explorar as possibilidades desse material em um contexto mais avançado de formação.

No que tange à oficina realizada na graduação, destacamos que as reflexões extraídas pelos(as) estudantes do curso de Pedagogia foram marcadas por surpresa e encantamento. Muitos relataram já conhecer a boneca Abayomi, mas não imaginavam que o repertório para trabalhar com ela fosse tão amplo, envolvendo elementos como história, resistência, ressignificação, entre outros. A partir dos relatos da turma, tornou-se evidente que o trabalho com um material de ensino exige de nós, professores, um conjunto diverso de saberes – que vão desde o conhecimento sobre a origem desse material até os sentidos que ele pode representar, a depender da abordagem utilizada em nossa prática docente.

Na turma da pós-graduação, os enfoques assumiram contornos distintos. Após a oficina, foi discutida a importância de se promover, na formação de professores, um letramento racial entendido como postura crítica e como capacidade de perceber, administrar e compreender a realidade racial que estrutura nossa sociedade (Severo, 2021). Essa reflexão se mostra fundamental para que os docentes em formação estejam atentos à necessidade de proporcionar, em suas práticas futuras, uma formação crítica que enfrente a chaga social do racismo e contribua para sua superação.

Dessa forma, compreendemos que oficinas como esta funcionam não apenas como espaços de aprendizagem na graduação (e na pós-graduação também), mas como oportunidades para discutir como as situações formativas no ensino superior podem, e devem, tocar os(as) estudantes de maneira significativa, para que estes(as) também possam transformar a sociedade da qual fazem parte.

Portanto, todas as oficinas realizadas nos permitem perceber que, independentemente da etapa de ensino em que sejam aplicadas, mesmo uma simples discussão a partir da confecção de uma boneca ou do uso de um material didático pode gerar efeitos potentes. O essencial é que haja intencionalidade pedagógica, de modo que essa ação favoreça uma evolução qualitativa em nossa forma de ver o mundo, mesmo que provocando apenas uma pequena mudança no nosso olhar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, reafirmamos a relevância do trabalho com a boneca Abayomi para abordar questões relacionadas ao antirracismo e à decolonialidade, configurando-se como um movimento de resistência às persistentes chagas sociais do racismo e da colonialidade. Como material de ensino, a boneca se apresenta como um recurso multifacetado, capaz de integrar diversos conteúdos que dialogam com a realidade brasileira, desde o período colonial até os dias atuais, refletindo as transformações que moldaram nossa sociedade. Mais do que um simples objeto, a Abayomi carrega em si uma rica história, uma profunda ancestralidade e inúmeras possibilidades pedagógicas, tornando-se uma ferramenta poderosa para repensar e transformar a educação.

Nesse sentido, o trabalho com a boneca Abayomi ultrapassa a dimensão de uma simples atividade pedagógica, tornando-se um ato político e cultural que promove

reflexões críticas sobre as raízes de nossa sociedade e os desafios ainda enfrentados. Ela possibilita o resgate de narrativas muitas vezes silenciadas, valorizando as contribuições das populações afrodescendentes e abrindo espaço para o diálogo sobre justiça social, igualdade e respeito às diferenças. Ao ser inserida em práticas educativas, a Abayomi não apenas enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também inspira novas formas de pensar e agir frente às desigualdades históricas, reafirmando o papel transformador da educação na construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Contudo, ressaltamos que trabalhar com essa boneca não é o única, e nem deve ser visto como, alternativa interdisciplinar para tratar das temáticas étnico-raciais. Essa oficina é um gota d'água em um mar de possibilidades. Mar este que, na educação brasileira, deve ter sempre como horizonte as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARTHURY, Luiz HM; TERRAZZAN, Eduardo A. A Natureza da Ciência na escola por meio de um material didático sobre a Gravitação. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 40, n. 3, p. e3403, 2018.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/K7zPdTwypH7Fts5Kwsq3vRK/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm . Acesso em: 30 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DE OLIVEIRA FISCARELLI, Rosilene Batista. Material didático e prática docente. **Revista Ibero-Americana de estudos em educação**, v. 2, n. 1, p. 31-39, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Editora 34, 1999.

HAUSSLER, Nathalie Santana Andrade; SILVA, Selma Gomes da. CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATIVIDADES COM AS BONECAS ABAYOMI. **Educação, Ensino e Interdisciplinaridade em Foco-Edeinfo**, v. 2, n. 2, 2025. Disponível em: <https://revistas.aiamis.com.br/index.php/edeinfo/article/view/125>. Acesso em: 29 abr. 2025.

JAPIASSU, Hilton. A questão da interdisciplinaridade. **Seminário internacional sobre reestruturação curricular**, v. 1, p. 1-5, 1994. Disponível em: <http://educacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MARTINS, Waldilena Serra. Bonecas Abayomi. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). (Org.). Brinquedos do Brasil: invenções de muitas mãos. Rio de Janeiro: SESC, 2018, p. 22-25. Disponível em: <https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2021/10/livro-brinquedos-do-brasil.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-26792021000500060&script=sci_arttext. Acesso em: 30 nov. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In.*: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismos e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RODRIGUES, Fredy Coelho; GAZIRE, Eliane Scheid. Reflexões sobre uso de material didático manipulável no ensino de matemática: da ação experimental à reflexão. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 7, n. 2, p. 187-196, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2012v7n2p187>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4000283>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 3, p. 6400-6415, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia, racismo científico e antirracismo no Brasil: debates sobre ciência, raça e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930). **Revista Brasileira de História**, v. 42, p. 93-115, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/TLsppHZdSyVtfKjZbRx9qXK/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VAZ, José Murilo Calixto *et al.* Material didático para ensino de biologia: possibilidades de inclusão. **Revista brasileira de pesquisa em educação em ciências**, v. 12, n. 3, p. 81-104, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/B4J8wqGbFsHSqCf3qkF7TSG/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.